

ARTISTAS VISUAIS DO MARANHÃO NO SÉCULO XX

VISUAL ARTISTS OF MARANHÃO IN THE 20TH CENTURY

ARTISTAS VISUALES DE MARANHÃO EN EL SIGLO XX

Kleriston Luis Rocha Neris¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i86.4263

Recibido: 12/12/2025 | Aceptado: 09/01/2026 | Publicación en línea: 16/01/2026.

RESUMO

O artigo analisa a produção de artistas visuais atuantes no Maranhão ao longo do século XX, destacando a diversidade estética e a relevância cultural de suas contribuições para arte regional. A pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar a visibilidade e o reconhecimento da produção artística maranhense, ainda pouco sistematizada na historiografia da Arte. O objetivo desse artigo é analisar e sistematizar a produção de artistas, sublinhando suas contribuições para a construção da identidade cultural maranhense. A metodologia é qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, com a dados biográficos e a trajetória artística de Ambrósio Amorim, Newton Sá, Jesus Santos, Fransoufer e Dila, a partir de livros e fontes secundárias. Os resultados apontam significativa diversidade estilística e inovação técnica, mesmo diante, para alguns dos analisados, de um reconhecimento oficial maior. Conclui-se que o estudo oferece uma visão introdutória e sistematizada da arte maranhenses, valorizando seus artistas e fomentando novas pesquisas.

Palavras-chave: Arte Maranhense. Artes Visuais. Século XX. Identidade Cultural. Historiografia da Arte.

ABSTRACT

This article analyzes the production of visual artists active in Maranhão throughout the 20th century, highlighting the aesthetic diversity and cultural relevance of their contributions to regional art. The research is justified by the need to broaden the visibility and recognition of Maranhão's artistic production, which is still poorly systematized in art historiography. The objective of this article is to analyze and systematize the production of artists, emphasizing their contributions to the construction of Maranhão's cultural identity. The methodology is qualitative, of a bibliographic and documentary nature, using biographical data and the artistic trajectory of Ambrósio Amorim, Newton Sá, Jesus Santos, Fransoufer, and Dila, based on books and secondary sources. The results point to significant stylistic diversity and technical innovation, even in the face of greater official recognition for some of those analyzed. It concludes that the study offers an introductory and systematized view of Maranhão's art, valuing its artists and fostering new research.

¹ Mestrando pelo Programa de Mestrado Profissional em Arte (ProfArtes), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: kleristonluis@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2320-1598>.

Keywords: Maranhão Art. Visual Arts. 20th Century. Cultural Identity. Art Historiography.

RESUMEN

Este artículo analiza la producción de artistas visuales activos en Maranhão a lo largo del siglo XX, destacando la diversidad estética y la relevancia cultural de sus contribuciones al arte regional. La investigación se justifica por la necesidad de ampliar la visibilidad y el reconocimiento de la producción artística de Maranhão, aún poco sistematizada en la historiografía del arte. El objetivo de este artículo es analizar y sistematizar la producción de artistas, destacando sus contribuciones a la construcción de la identidad cultural de Maranhão. La metodología es cualitativa, de carácter bibliográfico y documental, utilizando datos biográficos y la trayectoria artística de Ambrósio Amorim, Newton Sá, Jesus Santos, Fransoufer y Dila, con base en libros y fuentes secundarias. Los resultados apuntan a una significativa diversidad estilística e innovación técnica, incluso ante un mayor reconocimiento oficial de algunos de los analizados. Se concluye que el estudio ofrece una visión introductoria y sistematizada del arte de Maranhão, valorando a sus artistas y fomentando nuevas investigaciones.

Palabras clave: Arte de Maranhão. Artes Visuales. Siglo XX. Identidad Cultural. Historiografía del Arte.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A produção das artes visuais no Maranhão ao longo do século XX, caracteriza-se pela atuação de artistas que contribuíram de forma significativa para a construção da identidade artística regional. Apesar da relevância dessas produções, a arte visual maranhense tem ocupado cada vez mais espaço nos estudos acadêmicos e historiográficos da arte brasileira, o que evidencia que esta pesquisa está preenchendo as lacunas de forma específica e analítica do patrimônio cultural maranhense.

Nesse cenário, destacam-se artistas como Ambrósio Amorim, Newton Sá, Jesus Santos, Fransoufer e Dila, cujas obras revelam distintas linguagens visuais, técnicas e abordagens temáticas, refletindo tanto influências externas quanto elementos do contexto sociocultural local. A análise dessas produções permite compreender a pluralidade artísticas do Maranhão no século XX, bem como os desafios enfrentados por alguns artistas, como Ambrósio e Newton, no que se refere ao reconhecimento institucional e à preservação de suas trajetórias.

A justificativa deste estudo fundamenta-se na importância de fomentar o debate acadêmico sobre a arte maranhense, contribuindo para a valorização de seus artistas e para a consolidação da memória cultural regional. Ao reunir e analisar diferentes referências bibliográficas e documentais, o artigo busca suprir algumas lacunas existentes na historiografia da arte local.

O objetivo geral deste artigo é analisar e descrever a trajetória artística de alguns artistas visuais no Maranhão no século XX, destacando suas principais características estéticas e contextualizando sua trajetória no âmbito histórico e cultural, de modo a contribuir para a compreensão da diversidade e da importância da arte visual maranhense no período. Mesmo que esta análise por questões de limitação de páginas, não inclua as imagens das obras. O artigo divide-se em introdução, Artistas Visuais do Maranhão no século XX, metodologia, resultados e discussão e conclusão.

Dessa forma, a presente investigação se propõe a oferecer uma visão sistematizada da produção de artistas visuais maranhenses no século XX, enfatizando suas especificidades biográficas (breve), estéticas, contextos socioculturais e contribuições para a arte regional. Ao reunir fontes bibliográficas e documentais, o estudo pretende contribuir para a Historiografia da Arte Maranhense, mas também fomentar futuras pesquisas que aprofundem a análise da diversidade e o impacto cultural desses artistas.

ARTISTAS VISUAIS DO MARANHÃO NO SÉCULO XX

O primeiro artista é **Ambrósio Amorim (1922-2003)**, cujas fontes bibliográficas ou referências eletrônicas (internet) relacionadas ao seu nome e sua importância são mínimas, mas deixaremos a descrição deste mestre por meio da citação abaixo:

Nascido em Codó em 1922, Ambrósio Amorim foi contemporâneo de Antônio Almeida e também um dos integrantes da Movelaria Guanabara, importante ponto de encontro de intelectuais da década de 40. Teve seus trabalhos expostos pela primeira vez em 1946; em 1947 participou do 2º Salão Artur Marinho, sendo o segundo colocado na premiação; para aperfeiçoar seus estudos nas artes plásticas, viajou para o Rio de Janeiro onde residiu por vários anos e estudou na Escola Nacional de Belas Artes.

De volta São Luís deu continuidade ao seu trabalho tendo como referência a paisagem urbana da capital e dando destaque a personagens da periferia da cidade. No final da década de 70 passou a integrar o corpo docente do Centro de Artes e Comunicações Visuais do Estado (Cenarte) – atual Centro de Criatividade Odylo Costa Filho – onde lecionou pintura a óleo. Dentre suas criações, destaca-se a logomarca do maranhensíssimo Guaraná Jesus. Morreu em 2003 aos 81 anos. (PROJETO MONSTROS. Disponível em www.projetomonstros.blogspot.com)

Ambrósio ministrou durante vários anos aulas de pintura no Centro de Artes Japiaçu (CAJ). Este centro de Artes foi idealizado em 1972 por Rosa Mochel, Fátima Frota e Péricles Rocha no mandato do prefeito Haroldo Tavares, recebeu o nome *Japiaçu*, em homenagem a um famoso líder tupinambá do Maranhão Colonial, formando diversos artistas/discípulos. Foi abandonado a partir de 2017 e fechado pouco antes da pandemia do Covid-19. Sua importância artística e professoral é grande, mas poucas pessoas do Maranhão conhecem a obra de Ambrósio, que resulta do famoso descaso por artistas da terra em detrimento dos de fora de âmbito nacional ou estrangeiro. A escultura e a pintura no Brasil foram influenciadas pela doutrina neoclássica da Academia Imperial de Belas-Artes até 1910, passando a se denominar Escola Nacional de Belas-Artes até hoje, foi abalada com a Semana de 22 em São Paulo com a instauração do modernismo brasileiro.

Os ecos da Semana de 22 tardaram nos ouvidos dos artistas plásticos maranhenses que, com exceções, persistiram fiéis aos cânones greco-romanos até meados do século XX, quando a semente modernista iria retardatariamente germinar com a chamada “geração de 45” e a fundação do Centro Cultural Gonçalves Dias, liderado por Nascimento Moraes².

No maranhão não existia um ensino sistemático de arte escultórica, os jovens escultores maranhenses desejosos em estudar e se aprimorar dirigiam-se ao Governo Estadual para conseguir uma bolsa de estudos. Foi o caso do escultor maranhense Celso Antônio Silveira de Menezes (1896-1984) que ganhou uma bolsa de estudos com 16 anos de idade (1912) do governador do Maranhão de 1918 a 1922 Urbano Santos da Costa Araújo (1859-1922) e foi para a Escola Nacional de Belas-Artes, além de ter aulas no ateliê do escultor José Maria Oscar Rodolfo Bernadelli (1852-1931). Quando voltou ao Maranhão em 1920 apresentou um busto de Urbano Santo, este foi doado pelo artista a Biblioteca Pública de São Luis. Celso Antônio ainda recebeu mais uma bolsa indo para o Rio de Janeiro e depois para Paris em 1923 onde frequenta a Académie de La Grand Chaumière. Quando volta ao Brasil em 1926 vai para São Paulo e não mais fixa residência no Maranhão.

“Pressentindo aproximar-se o fim [Newton Sá], recolheu-se a um hospital onde morreu deitando sangue pela boca. Na hora extrema, na última hemoptise, teria exclamado com o poeta: ‘É o fêl que o coração verte em golfadas, por contínuas angústias comprimido’” Silveira Brasil³ apud Fortes (2002, p. 57).

² NEWTON SÁ e a estética da sobrevivência. Edição 25, 2005. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

³ BRASIL, Silveira. **O artista triunfou na morte**. In: __ EXPOSIÇÃO DO ESCULTOR NEWTON SÁ, 1952, Rio

Os escultores maranhenses que não tinham a subvenção do Governo Estadual para estudar fora, eram obrigados a buscar os conhecimentos sozinhos. “Entre estes, encontra-se o autodidata Newton Sá [...], com uma produção escultórica de origem acadêmica [com sutil característica romântica], exclusivamente local” (Fortes, 2001, p. 49). O próximo artista maranhense do século passado é um contemporâneo de Amorim é o escultor **Newton Sá**, sobre sua vinda à São Luis temos que:

Veio, hontem, á esta redação acompanhado do Sr. João Guilherme de Abreu, o jovem Newton Sá, natural de Picos, que para esta capital viera mostrar os seus trabalhos de pintura.

Newton Sá, que apenas conta 16 anos de idade, de annos para cá, sem mestre e noção de arte lhe podessem guiar, rabiscando nas paredes, em papéis de embrulho, livros etc., munido de um lápis ou de um carvão de cosinha, começou a garatujar, de modo que os trabalhos que tivemos o prazer de ver revelam um futuro promisor quer na caricatura e cópias de retratos fidelíssimos.

Duas que vimos, de Gonçalves Dias e João do Rio, á ‘crayon’, dão mostra patente de que Newton Sá será, no futuro, um artista de valor [*sic passim*]⁴.

O escultor “nasceu em Colinas⁵ a 3 de agosto de 1908. Aos 16 anos já era possível notar seu talento para a escultura. Manteve vários contatos com a comunidade artística da época, especialmente com Telésforo de Moraes Rego [1900-1962], Newton Pavão, Rubens Damasceno [-1979] e Arthur Marinho” (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog).

Datam de 1924 as primeiras aprições públicas de Newton Sá, expondo seus desenhos a carvão ao lado do pintor português Avelino Pereira, que vivia há cerca de um ano em São Luis.

Em novembro de 1924, Avelino Pereira⁶ apresentou em uma das salas de seu ateliê, à rua Nina Rodrigues (atual rua do Sol), uma exposição de aquarelas e caricaturas com motivos florais. Juntamente com seus trabalhos, mostrou também alguns desenhos a carvão do ‘pequeno Newton Sá’, como os jornais o denominaram. Podemos concluir ser este um dos primeiros professores do artista maranhense que, a partir de então, passou a realizar várias caricaturas.

de Janeiro, Catálogo da Exposição. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Brasil, 1952, p. 6.

⁴ É uma citação antiga (a contar pela grafia da época, diferente da atual, que foi transcrita *ipsis litteris*) sobre Newton Sá contido em “Um artista implumes” no Diário Oficial do Estado do Maranhão, São Luis, 17 de outubro de 1924, p.2 Apud Fortes (2001, p. 53). Nela consta a sua procedência, sua idade, seus trabalhos em pintura, caricatura e cópias de retratos (citados os de Gonçalves e João do Rio). É um relato sobre suas primeiras obras e a certeza que seria um artista reconhecido, pena que em outros Estados e particulares à época.

⁵ Colinas era antes uma vila Maranhense denominada Picos, sendo elevada a categoria de cidade em 1908 com o nome Conceição dos Picos. Mas o decreto de 1943 em relação a duplicidade de topônimos de cidades e vilas brasileiras recebeu o nome que carrega desde então.

⁶ Formado pela Escola de Belas-Artes de Lisboa, fazia várias viagens pelo Brasil realizando exposições e cursos de pintura e desenho. Segundo consta os jornais da época era um exímio caricaturista. Chegando ao Maranhão em 1923 realiza várias mostras em São Luis e chega a abrir um curso particular para ensinar pintura, desenho, aquarela e sanguínea, inclusive em domicílios.

A mostra no ateliê do pintor Avelino Pereira atraiu a atenção dos jornais, entretanto não se conhecem comentários específicos sobre os ‘carvões’ do jovem Newton Sá. (Fortes, 2001, p. 58)

Só em 1934 quando Newton faz uma mostra individual em Belém (PA) que o crítico Azevedo Soeiro num artigo do Estado do Pará (transcrito no O Imparcial) comentaria os trabalhos do jovem artista na mostra com Avelino: “os seus desenhos de então, entre elles um crayon de Ruy Barbosa, mostravam, nos seus traços, a par de um revestimento de estudo acadêmico, uma independência, característica creadora, vestígio de uma personalidade vigorosa.” *[sic passim]*⁷

Em 1924 é inaugurado o Salão dos Novos que pretendia incentivar a produção de Artes Plásticas, poesia e música no Estado através de mostras anuais, tendo ao mesmo tempo como organizadores e participantes os jovens artistas da capital realizadas no mês de janeiro. Nesse contexto, “Newton Sá participou em 1925 do segundo ano de mostras do Salão dos Novos, realizado no cinema Olímpia, em São Luis. Apresentando provavelmente desenhos, visto que não existem referências a obras escultóricas na exposição [...]” (Fortes, 2001, p. 59), o mesmo não seria lembrado pelo poeta Antônio Vasconcelos que teceu longos comentários na imprensa de cada um dos participantes. Em 1927 decide-se pela escultura por influência do seu mentor e marchand Filogônio de Lima Lisboa⁸, então com 19 anos, já havia produzido muitas peças e mantinha um ateliê na Rua Afonso Pena, nº 6, graças ao seu protetor. Neste atelier executa vários medalhões e bustos para particulares. Neste mesmo ano no Salão dos Novos é o único a apresentar esculturas. No entanto não recebia trabalhos encomendados por órgãos públicos.

Numa entrevista a Rubens Damasceno (Folha do Povo, São Luís, 24 mar. 1927, p. 2), já com seu ateliê, ele desabafa:

‘Não me posso queixar dos meus clientes que se têm portado para commigo como verdadeiros amigos. Só os poderes públicos não se dignaram, até agora, confiar em mim e ainda me não mandaram executar as effigies dos filhos illustres que o Maranhão deveria perpetuar. [...]. trabalharia eu para o Maranhão apenas cobrando o material e o meu tempo, pois o meu lucro seria, com vantagem, substituído pelos applausos que o meu esforço talvez merecesse dos críticos e do público em geral. Mas, infelizmente, eu sou maranhense e meu nome só tem um W e não tem três ou quatro consoantes juntas. Aqui apenas têm valor os trabalhos estrangeiros, embora inferiores aos nacionais, e não

⁷ Cf. Soeiro, Azevedo. “Newton Sá em Belém”. In: ____ O Imparcial (cop.). São Luis, 26 janeiro de 1934, p. 03. ()

⁸ Natural do Pará Filogônio foi um grande amigo e incentivador de Newton Sá. Ex-secundarista do Liceu Maranhense formou-se médico em Genebra em 1918. Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará e da Escola de Farmácia do Maranhão, tendo exercido docência em ambas. Fundador junto com Lucília Wilson Coelho de Souza da Escola de Enfermagem, Partos do Instituto de Assistências à Infância do Maranhão e um dos responsáveis pela fundação da Cruz Vermelha no Maranhão. Concomitantemente as suas atividades ligadas à saúde, o médico sanitarista patrocinava e incentivava alguns artistas da capital, além de Newton Sá, como seu sobrinho Flory Gama (1916-1996) – discípulo de Newton –; e o teatrólogo Antônio Pires.

sou eu quem poderá mudar a ordem natural das cousas. Espero, entretanto, que hei de vencer, captando a confiança e *sympathia* dos homens detentores dos poderes do Maranhão. Eles me conhecerão pelos meus trabalhos e pela minha boa vontade em realizar aqui, com auxílio de meus amigos, o máximo que se poderá fazer em matéria de escultura” [*sic passim*].

Outrossim, “o ‘Monumento a Sotero dos Reis’ foi a primeira obra pública de Newton Sá, realizada através de subscrição por iniciativa do vice-almirante Raymundo Frazão, indignado com a indiferença ao literato maranhense. Tratava-se de um medalhão em bronze, afixado a uma estrela, sendo o monumento inaugurado em 22 de abril de 1928 na Praça D. Pedro II” (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog). Sedento por se aprimorar profissionalmente “em 1928 e 1929 viajou para o Rio de Janeiro com o intuito de aperfeiçoar seu trabalho. Além de escultor, Newton Sá foi professor de desenho e trabalhos manuais da Escola Normal de São Luís”.

Em 1934 expôs no Salão do Café da Paz, em Belém (PA) obtendo boa aceitação através da crítica local. De volta a São Luís ganhou uma bolsa para estudar no Rio de Janeiro. Em 1938 foi nomeado membro correspondente do Maranhão pela Academia de Artes e Ciências do Rio de Janeiro. Foi também membro efetivo da Sociedade Brasileira de Belas Artes. (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog)

Newton foi muito condecorado e reconhecido por seus trabalhos no Maranhão, mas “teve várias premiações no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro; medalha de bronze pela peça Busto do General Rondon, no salão de 1939, medalha de prata com o trabalho Mãe D’água amazônica no salão de 1940 (existe uma cópia desta peça na Ilha do Governador - RJ)”.

O descaso do poder público e da própria população foi responsável pelo desaparecimento da maioria das obras de Newton Sá. Muitas foram destruídas e outras estão em péssimo estado de conservação.

A Mãe D’água amazônica (que pode ser vista na fonte da Praça da Sé) foi o último trabalho [o mais conhecido] de Newton Sá em 1940 e concluiu a belíssima produção de suas obras. O artista morreu no final do mesmo ano [de tuberculose]. (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog)

Assim, a “[...] mãe d’Água amazônica, instalada em frente à Arquidiocese de São Luís, em cujo adro destaca-se o busto em bronze, também feito pelo escultor, de Dom Francisco de Paula e Silva, bispo do Maranhão indicado pelo papa Pio X, e que falecera, em 1918” (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog). Como já de práxis no Maranhão as “[...] obras públicas [são] submetidas à rapinagem [roubo], não se sabe que fim levou o monumento a Sotero dos Reis, mas é certo que a “Águia que Pousa”, que lembrava a passagem

por São Luís do hidroavião Sampaio Corrêa II, foi roubada da escadaria de acesso à Rampa Campos Melo, em outubro de 1993” (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog). Mas “A maior produção de Newton Sá, no entanto, eram os medalhões feitos em cimento branco armado, que perpetuavam grandes vultos da história, da ciência, da mitologia e do mundo das artes – as ‘fotografias em relevo’” (PROJETO MONSTROS, disponível em www.projetomonstros.blog).

Sobre o paradeiro destas medalhas, a autora Fortes⁹:

Localizou 67 medalhões, muitos em péssimas condições, distribuídos entre o Museu de Alcântara, o Colégio Ateneu Teixeira Mendes, o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e a coleção de Helena Moraes Correa. Registra ainda que uma funcionária do Liceu Maranhense deu conta de que ali existia uma coleção de medalhões que foram jogados numa fogueira, na década de 70.

Newton Sá morreu no Rio de Janeiro, e uma curiosidade é que, segundo Fortes (2002, p. 57), os custos para o seu enterro numa cova rasa foram pagos pelo Sr. Cavina que autora acredita ser o escultor e fundidor Humberto Cavina proprietário de uma casa de fundição no Rio de Janeiro concorrente do escultor maranhense no Salão Nacional de Belas-Artes de 1940. Graças a este cidadão Newton Sá não foi enterrado como indigente. O seu discípulo e escultor Flory Gama (Figura ao lado) registrou a agonia do seu mestre antes de sua morte em uma máscara mortuária¹⁰. Mas sua morte prematura não tira a admiração que várias pessoas ilustres e várias gerações de artista têm por Newton Sá. Quanto a seu estilo “[...] os escultores Newton Sá e Flory Gama, continuaram acadêmicos até o final dos seus dias, não deixando entrever em suas obras quase nenhum vestígio das novas concepções estéticas da escultura moderna” (Fortes, 2002, p. 51).

Por “Realismo mágico urbano” denota-se que o artista se quer inserido no contexto do povo e do imaginário da América Latina, onde nasce, sobretudo na literatura o chamado “Realismo fantástico”, cujo patrono é Gabriel García Márquez, de Cem anos de solidão, e cujo formulador mais competente é, a nosso ver, Alejo Carpentier¹¹.

⁹ FORTES, Raimunda. **A obra escultórica de Newton Sá**. São Paulo: Siciliano, 2001.

¹⁰ É um molde tirado com atadura engessada do rosto ou do busto do falecido e posteriormente confeccionado em gesso, o seu aspecto é de mortuária por que a figura ou rosto reproduzido parece que está dormindo e a qualquer momento pode acordar. Seu uso ainda persiste em vários lugares do mundo. É chamada também de máscara neutra, ou seja, sem expressão do facial alguma como os rostos das esculturas Gregas e Romanas, resumindo as da escultura Clássica e Neoclássica. Até por que a morte é um sono profundo e sem volta. Pode ser feita como modelo em vida para vários fins, indo de um busto até confecção de diversas mascaras para espetáculos ou brincadeiras festivas.

¹¹ JESUS SANTOS: este mundo mágico e seus patéticos simulacros. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

O terceiro artista é o pintor, gravurista e ilustrador **José de Jesus Santos (1950-)**, cuja citação acima retrata o que acontece com suas obras. A saber, são de sua autoria a “Serpente-Dragão” na Lagoa da Jansen, na mesma lagoa os “ciclistas, sensualidades, skatistas e marombeiros entalhados em placas de concreto” e o “painel do cotidiano Ludovicense” dentro do Tribunal de Contas do Estado do Maranhão.

Todas são obras de Jesus Santos, artista da mesma safra de Nagy Lajos, Antônio Almeida, Ambrósio Amorim e João Lobato, e de intelectuais como Erasmo Dias, Ubiratan Teixeira e Valdelino Cécio, figuras que, com seu pensamento, sua atividade intelectual e com sua alegria boêmia, certamente ampliam a vivência do artista e deixam, de alguma forma, suas marcas, seu profano teatro¹².

Para classificar suas pinturas, o artista, denomina de “Realismo mágico urbano”. Uma classificação que, obviamente, não expressa o todo de sua produção artística. Nessa linha interpretativa, “[...] a beleza das cores de Jesus Santos, com suas figuras exóticas, seu traço cuidadoso, bem acabado, numa composição que nos lembra o melhor dos impressionistas” (José Sarney)¹³.

Jesus Santos, armado de sólida formação teórica e inquestionável intuição artística, nos remete para outra dimensão da cultura latino-americana, o realismo mágico. Esta vertente da arte, surgida na segunda metade do século passado, encontrou, não por acaso, grandes cultores na América Latina. Jesus Santos é um deles. Sua obra inclui elementos e cenas do cotidiano, sobretudo urbano, inseridas num contexto fantástico, procurando captar o universo mítico do povo maranhense, do Brasil, da América Latina. Sua pintura, fortemente colorida, é feita de planos aleatórios que incluem casas, composições geométricas, reservas marinhas, circos voadores; figuras femininas emolduradas por portas e janelas, solitárias ou acompanhadas, mascaradas, sonhadoras; homens conquistadores, músicos, voadores¹⁴.

Acima temos uma descrição geral da obra de Jesus Santos pelo crítico de Arte Enock Sacramento¹⁵ Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte lançou em 2005 um livro sobre o artista. Nesse sentido, “na arte de Jesus Santos, o mundo é mágico porque as realidades se comunicam. O alto e o baixo, o sublime e o grotesco, o celestial e o ctônico”¹⁶. Assim, “abraços de amantes que não estão ali, senão ausentes, homens-bichos, ou caricaturas deles, mulheres-

¹² JESUS SANTOS: este mundo mágico e seus patéticos simulacros. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

¹³ COSTA, Fernanda Mil-homens (coord). Três Artistas do Maranhão. Tradução de Helena Osser. São Paulo: Van Moorsel Andrade & Cia Ltda, 2003.

¹⁴ COSTA, Fernanda Mil-homens (coord). Três Artistas do Maranhão. Tradução de Helena Osser. São Paulo: Van Moorsel Andrade & Cia Ltda, 2003.

¹⁵ SACRAMENTO, Enock. **O universo fantástico de Jesus Santos**. São Paulo: Ed. do Autor, 2005.

¹⁶ JESUS SANTOS: um artista do cromatismo vibrante. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

juízo-pássaro, homens-discursos, venda, “votes”, cartazes. A comunicação se dá por falseamentos, por representações e discursos, por teatralização, por máscaras”¹⁷. Assim, “Jesus Santos é um artista que circula com desenvoltura e talento comprovados entre os nomes mais expressivos das artes maranhenses” (JESUS SANTOS: um artista do cromatismo vibrante. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor).

Um artista cuja

[...] carreira tem-se seguido coerente desde que expôs pela primeira vez, no Salão Nobre da Academia Maranhense de Letras, em 1967, expondo nos anos seguintes, nos poucos espaços existentes para as artes plásticas no Maranhão da época. A partir daí, o artista adquire qualidade e acumula experiência no domínio técnico do seu colorido vibrante, numa crescente evolução que ele consegue transmitir em suas telas, sem dúvida alguma louvável, e que confere nobreza a qualquer espaço onde sejam expostas¹⁸.

O artista “na Universidade de São Paulo, graduou-se em Comunicação Social. No Rio de Janeiro, frequentou cursos de arte na Escola de Artes Visuais do Parque Laje, como integrante da chamada Geração 80. Retornou definitivamente a São Luís onde, simultaneamente ao seu trabalho de pintor, realiza intensa atividade cultural”¹⁹. Nessa lógica, “a arte de Jesus Santos, além de ser envolvente e vibrante, é verdadeira e, em assim sendo, não cansa. É por isso que o nosso artista maior não se vê na obrigação de a cada obra, a cada exposição, mudar de rumo ao criar esteticamente um novo quadro”²⁰. Já realizou “[...] exposições individuais e participou de exposições coletivas no Brasil e no exterior, entre as quais o 1º Salão do Nordeste da 2ª Bienal da Bahia, em 1971; o Salão Brasileiro de Arte Fantástica, em 1979; e a exposição Três Artistas do Maranhão, em Nova Iorque, EUA, em 2003, apresentada, também, em Brasília e São Paulo” (ARTISTA MARANHENSE EXPÕE SUAS OBRAS EM CIRCUITO INTERNACIONAL. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor).

¹⁷ JESUS SANTOS: um artista do cromatismo vibrante. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

¹⁸ JESUS SANTOS: um artista do cromatismo vibrante. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

¹⁹ ARTISTA MARANHENSE EXPÕE SUAS OBRAS EM CIRCUITO INTERNACIONAL. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

²⁰ ARTISTA MARANHENSE EXPÕE SUAS OBRAS EM CIRCUITO INTERNACIONAL. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

Dono de um vasto currículo nas artes plásticas, Jesus Santos confessa que sonhava deixar sua obra registrada para a posteridade. Agora ele se ufana de ter conseguido esta façanha com o livro *O Universo Fantástico* de Jesus Santos, obra de caráter biográfico. “Com este trabalho, percebo que fiz algo positivo na vida”, afirma o artista. O livro, editado em três idiomas (português, inglês e espanhol), é o primeiro tomo de uma coleção que deverá ter três volumes. Depois, ele pretende lançar *Riscos de Vida*, só com os desenhos de sua autoria, além de um outro livro sobre painéis de interiores (enfocando o painel do Tribunal de Contas do Estado) e um de arte pública (com obras como a serpente da Lagoa da Jansen). (idem)

O livro contém 120 páginas e 160 imagens, a cronologia do artista, suas convicções e analisa alguns de seus trabalhos. Assim como a história da fundação de São Luís também é abordada. Lançado e editado no ano de 2005, por meio da Lei Rouanet (Lei de incentivo à cultura), com o patrocínio da Eletrobrás, a obra foi empreendida por Fernanda Mil-Homens Costa, empresária e marchand, com extensa atuação na área de marketing, há quase uma década dedicando-se integralmente a projetos culturais de artes plásticas pelo Brasil. Segundo Fernanda Costa (2003), “a pintura de Jesus Santos é algo que me faz rir, chorar, emociona. É uma obra crítica do lugar e, ao mesmo tempo, cheia de cores, as cores que me fazem lembrar a cidade de São Luís do Maranhão, onde tive a oportunidade de morar durante oito preciosos anos de minha vida”²¹.

Uma curiosidade que quase ninguém sabe é que Jesus Santos liderou o movimento que culminou com a aprovação da Lei Municipal nº 3.203, de 31 de março de 1992, que estabelece a obrigatoriedade de colocação de obras de arte em empreendimentos de urbanização, edificação e complementos urbanos em São Luís, cuja autoria é da vereadora Simone Macieira. Com certeza Jesus Santos representa bem o nosso estado e nossa cultura com suas obras. De acordo com levantamento feito por Enock Sacramento (2005), Jesus Santos é o artista maranhense que possui o maior número de obras públicas e semipúblicas na capital maranhense²². Considerado um dos mais importantes artistas plásticos do Nordeste, as suas pinturas e as obras públicas são tidas como grandes expoentes do realismo fantástico brasileiro ou realismo mágico urbano.

O quarto artista é **Fransoufer**, pseudônimo de **Francisco de Souza Ferreira** (1958-), nascido no município de Bequimão (MA), mas veio bem jovem para estudar na capital do estado. Seu primeiro contato com a arte foi “[...] através de sua professora de trabalhos manuais. Muito

²¹ ARTISTA MARANHENSE EXPÕE SUAS OBRAS EM CIRCUITO INTERNACIONAL. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

²² ARTISTA MARANHENSE EXPÕE SUAS OBRAS EM CIRCUITO INTERNACIONAL. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

precariamente o pintor já fazia trabalhos que muito agradavam a seus colegas e professores que convidavam para participar de pequenas exposições coletivas no próprio colégio”²³. Este contato foi no seu Ensino Fundamental.

Cursou depois o ginásio na Escola Nacional de Aprendizagem Comercial e o científico no "Liceu Maranhense". A estas alturas já se tornara pintor relativamente conhecido nos meios artísticos de São Luís, onde estava sempre expondo coletivamente com os outros pintores, participando de salões, concursos de arte etc. Logo conheceu o húngaro Nagy, com quem estudou desenho e pintura em seu atelier²⁴.

Fransoufer sentiu a necessidade de alargar seu campo cultural e de divulgação de suas obras, para isso foi em 1975 para Brasília para fazer “[...]o curso de Artes no Centro de Ensino Elefante Branco (Universidade de Brasília)”²⁵. No ano de 1977 retorna a São Luís e faz dois cursos de extensão de Arte promovidos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em parceria com a Fundação Cultural do Estado. De estilo próprio e inconfundível (estilização das formas e superfícies chapadas), Fransoufer se consagrou pintando São Francisco de Assis, uma marca registrada de sua trajetória, principalmente a partir da década de 80. Outro tema bastante explorado pelo artista são as manifestações culturais (tão marcantes no nosso Estado), cenas que marcaram sua infância (na Baixada Maranhense), como as procissões, os romeiros, os casamentos na roça, festas populares, bumba-meu-boi, tambor de caixa, festejo do Divino, presentes em suas obras. Muitas vezes se divide entre a sua terra natal (Maranhão) e as exposições em que participa em outros Estados da Federação. Mas o artista tem outra habilidade artística que é a Tecelagem:

Em Bequimão, já produziu uma série de oficinas sobre tecelagem com a técnica de fio de algodão em tear artesanal. “Antes, as tecedeiras produziam técnicas em padrões geométricos, agora já introduzem cores e desenhos figurativos, retratando cenas da nossa fauna, flora e cultura popular”, explicou. Esse trabalho deu origem a exposição “Caiu na rede é peixe”, realizada no início de 2006 em Bequimão²⁶.

Fez várias exposições coletivas, individuais e recebeu muitas distinções (prêmios). Fransoufer é Membro da Academia Brasileira de Letras e Artes de Paranapuã (Rio de Janeiro). Em 2006 foi tema de duas monografias do curso de Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão. É reconhecimento da comunidade científica maranhense. Os trabalhos mostram,

²³ FRANSOUFER. Artigo sobre o artista do site, hoje inativo, www.universodasartes.com, arquivo do autor.

²⁴ FRANSOUFER. Artigo sobre o artista do site, hoje inativo, www.universodasartes.com, arquivo do autor.

²⁵ FRANSOUFER. Artigo sobre o artista do site, hoje inativo, www.universodasartes.com, arquivo do autor.

²⁶ Fransoufer expõe fé e cultura na Maggiorasca, edição 21.421, 2007. Artigo sobre o artista do site, hoje inativo, www.universodasartes.com, arquivo do autor.

com riqueza de detalhes, a trajetória artística, destacando o aspecto socioeconômico e cultural de suas mais recentes atividades.

Dileusa Dinis Rodrigues, ou simplesmente **Dila (1939-2022)**, nasceu em Umberto de Campos (MA) em 1939, hoje reside na capital São Luís no Bairro da Cohama. É a terceira, dos cinco filhos, de Francisco Solon Rodrigues e Maria Vitória Dinis Rodrigues. O pai era charuteiro e a mãe dona-de-casa. Ela conta que teve uma infância feliz, mas sua educação foi rígida por conta de os pais serem protestantes. Dila desde pequena sempre gostou de desenhar, fazer esculturas e pintar, mas algumas tarefas domésticas como costurar e bordar, eram mais estimuladas e cobradas por sua mãe. Quando estava em idade escolar foi estudar como semi-interna no Convento Patronato São José de Ribamar, no município do mesmo nome.

Quando volta para sua cidade Santa Clara (Umberto de Campos) com 16 anos já estava prometido a um marido, tentou fugir do casamento arranjado virando evangélica (pois um evangélico só poderia casar com um da mesma religião), mas acabou casando. Aos 18 anos teve seu primeiro filho Sidney. O casamento não durou muito e na década de 1960 Dila se muda para Recife. Lá na casa de parente para se sustentar trabalhou na empresa de cigarros Souza Cruz, fez costuras em domicílio e pintava nesse meio tempo. O destino a ajudou muito nos seus primeiros passos como artista. Dila conheceu pessoas de consulados e fez alguns desenhos para uma consulesa da Alemanha, que admirou muito seu trabalho. A mesma pediu outros trabalhos.

Dila é uma das relevantes artistas plásticas brasileiras do gênero Naïf, que não é ligado a qualquer escola ou tendência. É o artista dito autodidata na pintura ao usar perspectiva singela ou não a usar, superfícies chapadas ou com singelo claro-escuro e não preocupação com reprodução da anatomia humana. Seu nome está eternizado em livros, dicionários e guias de artes visuais e seus quadros estão em vários museus no Brasil e no mundo. Ela é autora de dois painéis de azulejo no Aeroporto Marechal Cunha Machado de São Luís.

Sobre sua técnica e obra, Dila explica que: “[...]’Naïf não se aprende. Você nasce Naïf. A minha pintura eu considero um clássico ingênuo, porque eu me preocupo muito com a anatomia, com luz e sombra”²⁷. Dila dedica uma boa parte de seu tempo ao que mais gosta de fazer: pintar, ler e cuidar de seus cães. Debruçada sobre telas de linho, produz seus quadros, num cenário que propicia tranquilidade e paz, rodeada por mangueiras e por cachorrinhos da raça poodle que lhe dão paz e tranquilidade. “A pintura de Dila tem uma delicadeza e ingenuidade que nos remete,

²⁷ UMA DÁDIVA DIVINA. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 152, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

sendo primitivista, ao clássico, numa fusão rara, obtido pelo milagre do seu pincel” (José Sarney)²⁸.

Suas obras podem ser vistas em várias galerias ou museus do Brasil e do Exterior. Construtora de uma carreira de repercussão nacional e internacional, a artista tem um reconhecimento merecido. Tem quadros no Museu de Arte Naïf de Max Fourny (Paris) e no Museu de Arte de Bariloche (na Argentina). Na sede da Junta Comercial do Maranhão (Jucema) guarda suas obras. Seu estilo de pintura não caracteriza uma arte totalmente ingênua, pois as suas telas tem uma característica diferente das obras de Henri Rousseau (1844-1910, o aduaneiro), que foi o primeiro artista naïf moderno reconhecido e valorizado. As obras de Dila seguem aos moldes do Naïf dos trópicos, com cores vibrantes e alegres, cores vistas nas obras de Jesus Santos. Na verdade, cada artista Naïf tem uma arte própria e particular, um estilo individual não comparativo a outros da mesma corrente. Mas é necessário frisar que alguns têm trabalhos parecidos por convicções individuais.

De tamanhos variados, alguns dos seus trabalhos, a exemplo de Cabaret, Bumba-meu-boi e Tambor de Crioula, já foram destaque na Galeria Jacques Ardies, especializada em arte naïf e onde a artista maranhense já montou várias exposições.²⁹

REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo fundamenta-se em estudo críticos, históricos e jornalísticos que abordam a produção artística maranhense no século XX, bem como em análises específicas sobre os artistas selecionados. As contribuições de Costa (2003) oferecem fundamentos importantes para a compreensão da diversidade estética e da inserção de artistas maranhenses no panorama das artes visuais brasileiras, evidenciando aspectos históricos e culturais que permeiam as produções de três artistas: Dila, Cordeiro (Francisco das Chagas Cordeiro de Almeida, o “Cordeiro do Maranhão”) e Jesus Santos.

No que tange à escultura, Fortes (2001) constitui a principal base teórica para a análise da obra e da vida de Newton Sá, ao examinar sua produção escultórica sob uma perspectiva estética e social, salientando a relação entre Arte, sobrevivência e contexto histórico.

²⁸ COSTA, Fernanda Mil-homens (coord), Op. Cit. 2003.

²⁹ SANTOS NETO, Manoel A magia e os encantos da arte naïf nas cores e formas. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 152, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

Complementarmente, os textos de Soeiro (1934) abordam as obras de Newton Sá em Belém (PA) em um artigo publicado em jornal suplementos culturais, além de plataformas digitais (projeto monstros) acrescentam a compreensão críticas sobre a trajetória desse grande escultor.

A produção pictórica de Jesus Santos é analisada a partir de textos críticos que evidenciam o cromatismo vibrante, o realismo fantástico e os elementos simbólicos presentes em sua obra, conforme discutido nos suplementos culturais do Jornal Pequeno (2007). Essas abordagens contribuem para situar o artista no campo do imaginário e da expressividade visual, sendo uma característica da arte maranhense contemporânea.

Da mesma forma, quanto à obra de Fransoufer, o referencial teórico apoia-se em materiais jornalísticas e registros de exposições que destacam seu estilo singular, marcado por traços firmes, formas estilizadas e forte vínculo com elementos culturais e religiosos, conforme observado em publicações do Jornal Pequeno (2007) e em plataformas digitais especializadas em artes visuais.

Por outro lado, a arte Naïf maranhense, representada por Dila, é compreendida em textos críticos que discutem a valorização da simplicidade formal, da narrativa visual e do imaginário popular, como apresentado por Santos Neto (2007) e, como citado anteriormente, por Costa (2003). Estes autores permitem situar a produção da artista no contexto mais amplo da arte Naïf brasileira, reconhecendo sua relevância estética e cultural regional.

Em suma, o referencial teórico adotado sustenta a análise das obras a partir de um panorama histórico-cultural, relacionando aspectos formais, simbólicos e contextuais, e contribuindo para a valorização da produção artística maranhense no século XX, que vem sendo explorada, mesmo sucintamente, no meio acadêmico.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se com uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, com a abordagem histórico-analítica, a investigação fundamentou-se em livros, artigos de suplementos de jornais e documentos disponíveis em plataformas digitais (sites e blogs) referentes às artes visuais do Maranhão no século XX. A escolha dos artistas analisados, a saber, Ambrósio Amorim, Newton Sá, Jesus Santos, Fransoufer e Dila, baseou-se em sua magnitude histórica e representatividade estética no contexto da produção artística maranhense. A análise das trajetórias artísticas e de análise de suas obras considerou aspectos formais e estilísticos, como

técnica, composição, uso das cores e temática, vinculados ao contexto sociocultural da produção. Dessa forma, os dados foram interpretados de forma contextualizada, visando contribuir para a compreensão da diversidade e da importância da arte visual produzida no Maranhão ao longo do século XX.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises descritivas das trajetórias dos artistas selecionados evidencia a diversidade estéticas e conceituais da produção visual maranhense no século XX. Observa-se que, embora inseridos em um mesmo contexto geográfico, Ambrósio Amorim, Newton Sá, Jesus Santos, Fransoufer e Dila, desenvolveram linguagens artísticas singulares influenciados por fatores históricos, culturais e sociais específicos.

Nessa perspectiva, Ambrósio Amorim destacou-se pela expressividade pictórica e pela relevâncias de sua atuação artística e professoral, mesmo diante de limitações técnicas apontadas por parte da crítica da época. Já Newton Sá, por sua vez, apresentou uma produção escultórica marcada pelo rigor formal e pela relação direta com o cotidiano e pela sua sobrevivência, evidenciando a ausência de investimento ou políticas públicas de valorização artística da sua obra. Enquanto que, a obra de Jesus Santos descreve forte carga simbólica, cromatismo intenso e elementos do realismo fantástico, contribuindo para a construção de uma identidade visual própria. Por outro lado, Fransoufer demonstra coerência estilística por traços firmes e formas estilizadas associadas a temas culturais e religiosos. Por fim, a produção de Dila, inserida no campo da Arte Naïf, destacou-se pela valorização do imaginário popular e pela narrativa visual espontânea, alcançando reconhecimento Nacional e Internacional.

Em resumo, os resultados indicam que a arte visual produzida no Maranhão no século XX não se configura como um bloco homogêneo, mas como um conjunto plural de manifestações que dialogam com as tradições locais e influências externas. A análise comparativa entre os artistas, permite compreender tanto os processos de afirmação estéticas quanto as dificuldades iniciais (financeiras) por alguns artistas, especialmente no que se refere ao reconhecimento institucional.

CONCLUSÃO

O presente estudo possibilitou uma reflexão introdutória sobre a produção de alguns artistas visuais atuantes no Maranhão ao longo do século XX, destacando a relevância cultural e histórica de suas obras. A pesquisa demonstrou que esses artistas contribuíram significativamente para construção de uma identidade artística regional, mesmo diante limitações financeiras, de difusão e de apoio institucional.

Constata-se a necessidade de maior valorização e mais estudos sobre a artistas maranhenses, de modo a ampliar sua inserção no campo acadêmico e historiográficos da arte brasileira. Ressalta-se, ainda, que este artigo não esgota o tema, mas se propõe como ponto de partida para investigações futuras que aprofundem a análise estéticas, social e histórica da produção artística visual no Maranhão.

De tudo que foi exposto, espera-se que a pesquisa contribua para o reconhecimento e da importância da arte visual maranhense no século XX, fomentando novas pesquisas e ações de preservação da memória artística regional.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Silveira. **O artista triunfou na morte**. In: __ EXPOSIÇÃO DO ESCULTOR NEWTON SÁ, 1952, Rio de Janeiro, Catálogo da Exposição. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Brasil, 1952, p. 6.

COSTA, Fernanda Mil-homens (coord). **Três Artistas do Maranhão**. Tradução de Helena Osser. São Paulo: Van Moorsel Andrade & Cia Ltda, 2003.

FORTES, Raimunda. **A obra escultórica de Newton Sá**. São Paulo: Siciliano, 2001.

Fransoufer expõe fé e cultura na Maggiorasca, edição 21.421, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

FRANSOUFER. Artigo sobre o artista do site, hoje inativo, www.universodasartes.com, arquivo do autor.

JESUS SANTOS: um artista do cromatismo vibrante. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

JESUS SANTOS: este mundo mágico e seus patéticos simulacros. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 159, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

NEWTON SÁ e a estética da sobrevivência. Edição 25, 2005. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

PROJETO MONSTROS. Disponível em www.projetomonstros.blogspot.com, acesso 11/06/24.

SACRAMENTO, Enock. **O universo fantástico de Jesus Santos**. São Paulo: Ed. do Autor, 2005.

SANTOS NETO, Manoel **A magia e os encantos da arte naif nas cores e formas**. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 152, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.

SOEIRO, Azevedo. “**Newton Sá em Belém**”. In: ____ O Imparcial (cop.). São Luis, 26 janeiro de 1934, p. 03.

UMA DÁDIVA DIVINA. Suplemento Cultural e Literário Jornal Pequeno. Edição 152, 2007. Disponível em: reportagem do supletivo guesa errante do jornal pequeno, arquivo do autor.